

‘EM X TEMPO’ E ‘POR X TEMPO’ NO DOMÍNIO TEMPO-ASPECTUAL

*‘Em X tempo’ and ‘por X tempo’ in the
Temporal-Aspectual Domain*

Renato Miguel Basso*
Roberta Pires de Oliveira*

INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisamos a contribuição semântica dos adjuntos ‘em’ e ‘por X tempo’ (‘X’ está por uma medida de tempo qualquer) no estudo dos fenômenos tempo-aspectuais. Desde Vendler (1967), esses adjuntos são verdadeiras ferramentas para identificação de tipos de eventos, permitindo separar, por exemplo, *accomplishments*, que se combinam com ‘em X tempo’, de atividades, que se combinam com ‘por X tempo’. No “time schemata” que Vendler associa às atividades (e estativos), aparece a ideia de homogeneidade, segundo a qual, o evento denotado pelo predicado ‘correr’ ou pelo estativo ‘estar com dor de cabeça’, “any part of the process is of the same nature as the whole”. Os *accomplishments* (e *achievements*) são, por oposição, heterogêneos, ou seja, não são compostos por partes iguais. Ora, se os adjuntos ‘em’ e ‘por X tempo’ são responsáveis pela distinção dessas quatro classesacionais em dois grupos, é justamente porque eles têm propriedades seletivas: ‘em X tempo’ só se combina com eventos heterogêneos e ‘por X tempo’, só com homogêneos. Chamaremos essa caracterização dos adjuntos, que apela à heterogeneidade e à homogeneidade, de concepção homo-heterogênea, ou CHH.

* Universidade Federal de Santa Catarina

A partir da caracterização de Vendler, Dowty (1979) desenvolve uma semântica explícita para esses adjuntos, reelaborada ulteriormente por outros autores, mobilizando conceitos e noções diferentes (Dowty não conta com eventos em sua ontologia, mas Krifka (1998), por exemplo, sim). Apesar disso, a intuição sobre o papel desses adjuntos parece não haver mudado, e mesmo ancorando-os em quadros teóricos distintos, eles continuam a ser a contraparte da heterogeneidade e da homogeneidade, ou seja, não saímos da CHH.

Investigamos aqui a adequação empírica da CHH, ao respondermos duas questões: (i) as previsões que a CHH pode fazer são comprovadas empiricamente?; (ii) esses adjuntos fazem exatamente o mesmo nos vários contextos que a literatura normalmente não considera? Esses contextos, que parecem desafiar a ideia de que esses adjuntos simplesmente selecionam eventos homo ou heterogêneos, podem ser acomodadas na CHH ou em alguma outra teoria dela advinda, porém mais sofisticada?

Na seção 1, apresentamos a proposta de Rothstein (2004) para os adjuntos em questão. Essa escolha se justifica pois ela segue de perto as ideias de Vendler (1967) e Dowty (1979) sobre esses adjuntos, porém já inserida numa semântica de eventos; é então sobre eventos que atuam 'em' e 'por X tempo'. Na seção 2, mostramos as inadequações apontadas através das previsões não realizadas e do número maior de contextos possíveis para além dos normalmente considerados. Na seção 3, esboçamos uma teoria sobre esses adjuntos que difere em sua intuição da CHH, e que integra também princípios pragmáticos da teoria da implicatura conversacional generalizada para dar conta dos casos descritos na seção 2, além do tempo futuro e de eventos incrementais. Na seção 4 fazemos um balanço das duas concepções.

1. UMA VERSÃO DA CHH

As relações entre 'em' e 'por X tempo' com a telicidade são tão "íntimas" que não é possível entender como uma teoria caracteriza esses adjuntos, sem entender como ela caracteriza a telicidade; é por isso que faremos uma breve exposição do que vem a ser a telicidade para Rothstein (2004).

A telicidade de um evento é composicional e resulta, de maneira previsível e calculável, das contribuições dos diversos elementos da verbalização de um evento. É nesse espírito que já Vendler (1967) e Dowty (1979), e depois, de maneira mais explícita, Verkuyl (1993) chamam a atenção para a integração VP-NP no "cálculo aspectual", mostrando que características quantificacionais dos NPs, assim como o caráter dinâmico de um verbo, in-

fluenciam a telicidade. Sabemos que a interpretação télica de um *accomplishment* ocorre, *grosso modo*, quando seus argumentos internos e externos *não são* plurais nus ou, no caso do PB, singulares nus, e nem termos de massa.

Rothstein (2004) também concorda com a ideia de que a telicidade é o resultado de uma composição, mas para além de uma descrição gramatical dos fatores que influenciam a telicidade, ela tenta dar a eles uma interpretação semântica. Segundo a autora, os mecanismos linguísticos responsáveis pela telicidade de um evento fornecem informações explícitas ou pistas contextuais necessárias para que possamos individualizar um evento atômico¹, conforme seu “princípio de telicidade”:

Telicity principle: A VP is telic if it denotes a set of events X which is atomic, or which is a pluralization of an atomic set (i.e. if the criterion for individuating an atomic event in X are fully recoverable) (ROTHSTEIN, 2004, p. 158).

Eventos télicos são atômicos porque naturalmente eles são heterogêneos².

O papel da quantificação dos argumentos de um verbo, assim como a escolha do próprio verbo, fornecem critérios de atomicidade, que é dada contextualmente. Com essa ideia de telicidade, Rothstein busca caracterizar os adjuntos ‘em’ e ‘por X tempo’. Segundo a autora, o papel de um adjunto como ‘em X tempo’, por combinar-se única e exclusivamente com eventos télicos, é ser um revelador de telicidade: “intuitively, *in α time* assigns a time-frame within which an atomic event took place and thus modifies sets of atomic events” (ROTHSTEIN, 2004, p. 177). O adjunto ‘por X tempo’ combina-se exclusivamente com evento atêlicos e “*for α time* changes an atelic VP to a telic one, while *in α time* leaves the telic VP telic” (ROTHSTEIN, 2004, p. 177). Como adiantamos, buscaremos mostrar que essa caracterização é inadequada, sobretudo, a ideia de que ‘por X tempo’ é um *type shifter*, já que quando aplicado a um evento atônico o transforma em télico. Deixemos as críticas, contudo, para as seções 2 e 3; vejamos mais pormenoradamente o que Rothstein tem a dizer sobre os adjuntos em questão e quais são seus argumentos.

Um adjunto como ‘em 1 dia’ denota a função (p. 178) $[[\text{em } 1 \text{ hora}]] = \lambda P \lambda e. P(e) \wedge \forall e'[e' \in \text{ATOM}(P) \rightarrow \tau(e') \subseteq 1 \text{ DIA}]$. Em prosa: ‘em

¹ A atomicidade a que se refere Rothstein nada tem a ver com o tempo; ela refere-se apenas à existência ou não de partes próprias de um predicado que podem também cair na extensão desse predicado; é um critério formal.

² Se um predicado X denota um evento télico “e”, então esse predicado não se aplica a nenhuma parte própria desse evento “e”. Ora, se um evento não pode ser decomposto em suas partes próprias, justamente porque não as possui, então ele pode ser considerado como um átomo. Logo, eventos heterogêneos são eventos atômicos.

um dia' denota o intervalo de tempo que contém (ou é igual a) o conjunto de eventos que constituem as partes de um evento atômico (para um evento e na extensão de um predicado P e para todo evento e' , que está contido no predicado atômico P , então sua função temporal τ (uma função que relaciona a progressão de um evento com a sua progressão no tempo) está contida ou é igual a 1 dia). Suponha 'ler o livro', temos (simplificando):

$$(1) [[ler o livro em 1 dia]] = \lambda e. \text{LER O LIVRO}(e) \wedge \forall e' [e' \in \text{ATOM}(P) \rightarrow \tau(e') \subseteq 1 \text{ DIA}],$$

O sintagma verbal denota o conjunto de eventos que constituem o evento atômico de ler o livro tal que todas as suas partes estão contidas no intervalo temporal menor ou igual a 1 dia. Assim sendo, a semântica atribuída a 'em X tempo' permite que ele seja aplicado somente a eventos télicos, pois somente eles são heterogêneos (i.e., atômicos). Como vimos acima, Rothstein afirma que 'em X tempo' "modifies sets of atomic events" (p. 177), mas, não obstante, ela aventa a possibilidade de combinar esse adjunto com um evento atélico, portanto homogêneo (i.e., não atômico), como no exemplo abaixo:

(2) João correu em 1 hora.

Segundo a autora, a contraparte em inglês da sentença (2) "is ungrammatical or [...] forces a telic interpretation on the predicate" (ROTHSTEIN, 2004, p. 179). Segundo Rothstein (2004), algum tipo de pressuposição é disparado cujo conteúdo é uma distância ou caminho específico que João correu e que responderia ao critério de definir contextualmente um átomo para o evento em (2). Essa é de fato uma interpretação possível, que faz com que o evento em (2) seja interpretado como um *accomplishment* (um evento atômico ou heterogêneo)³.

Com relação ao adjunto 'por X tempo', Rothstein oferece a seguinte formulação: $[[\text{por } 1 \text{ hora}]] = \lambda P \exists e [\tau(e) = 1 \text{ HORA} \wedge \forall i \subseteq \tau(e) \exists e' [P(e') \wedge e' \subseteq e \wedge \tau(e') = i]]$. A glossa oferecida pela autora é: "so what *for an hour* does is pick out sets of events which run for intervals of an hour, and which are in effect sums of events in some set P , with the constraint that each relevant part of that hour must be the running time of some event in P " (ROTHSTEIN, 2004, p. 181). Essa caracterização engloba a ideia de homogeneidade, por isso não estamos tratando de eventos atômicos, ou seja,

³ Como veremos adiante, a sentença (3) pode receber uma interpretação "incoativa": João, depois de chegar na academia, *levou* 1 hora para *começar* a correr. O adjunto estaria então medindo o intervalo entre algum ponto, dado contextualmente – no exemplo em questão, a chegada na academia – e o início do evento atélico de correr.

de eventos télicos – essa seria a razão da impossibilidade de combinar ‘por X tempo’ com evento télicos. Mas essa impossibilidade não é real, como a própria autora reconhece:

(3) João leu o livro por 1 semana.

Rothstein diz que somente algumas dessas sentenças são possíveis e quando isso acontece é porque estamos diante de predicados que têm algum grau de homogeneidade; no caso de ler o livro os eventos são todos mais ou menos iguais porque são eventos de ler parcialmente o livro. Mesmo assim, sua definição de ‘por X tempo’ não captura essa interpretação, porque mesmo sendo “mais ou menos” homogêneos, a soma de eventos de ler o livro parcialmente não resulta (necessariamente) em ler o livro todo. A solução é considerar que ‘ler o livro’ em (3) é um evento atélico. Ou seja, ‘por X tempo’ imporia uma mudança do tipo semântico, de télico para atélico. Há vários problemas com tal solução.

Em primeiro lugar, parece ser sempre possível, no português brasileiro, “homogeneizar” um evento télico; logo, a afirmação da autora de que somente algumas sentenças são passíveis desse processo está incorreta para essa língua. A sentença ‘João construiu a casa por 1 ano’ é aceitável, mas seu predicado não é homogêneo. Tal movimento torna a noção de evento homogêneo trivial e implica afirmar que ‘por X tempo’ se combina com qualquer predicado. Essa não é a hipótese de Rothstein. Talvez essa sentença queira dizer que João não leu o livro inteiro, ou seja, estamos diante de uma sentença detelicizada – uma sentença télica, perfectiva, mas que não garante o alcance de nenhum *telos*. E essa interpretação não é captada pela autora.

Considerar que há uma mudança de tipo semântico coloca um outro tipo de problema, dado que Rothstein, mas também outros (de SWART, 1998; KRIFKA, 1998), afirma que ‘por X tempo’, aplicado a eventos atéticos, transforma tais eventos em télicos. Ora, como é possível que um mesmo adjunto transforme eventos télicos em atéticos e atéticos em télicos?

2. ONDE SÃO ENCONTRADOS E COMO SÃO INTERPRETADOS ‘EM’ E ‘POR X TEMPO’?

No trabalho de Rothstein⁴, os exemplos considerados têm as seguintes estruturas: (i) télico + em X tempo; e (ii) atélico + por X tempo.

⁴ Mas também nos trabalhos de muitos outros, cf. de Swart (1998), Zucchi (1998), Krifka (1998).

Alguns autores, entre eles a própria Rothstein, reconhecem a estrutura (iii) télico + por X tempo, mas dizem que ela só acontece mediante coerção ou mudança aspectual, i.e., por algum processo, o evento télico deixa de sê-lo (cf. de SWART, 1998; ROTHSTEIN, 2004), ou então lançam mão de algum expediente diferente do que até então haviam mobilizado (vagueza, estágios dos eventos (ZUCCHI, 1998)). Seja como for, temos apenas 3 estruturas, de 16 possíveis, se levarmos em conta as 4 classes vendlerianas, os 2 adjuntos e os aspectos perfectivo e imperfectivo. Seriam todas elas boas? Como interpretá-las? É extremamente desejável para uma teoria dos adjuntos 'em' e 'por X tempo' dar conta dessas 16 combinações⁵, sob pena de termos uma teoria parcial.

Antes uma ressalva: conforme dissemos para o caso de Rothstein, uma caracterização dos adjuntos em questão é dependente de uma caracterização da telicidade; portanto, temos de nos pronunciar sobre o que consideramos como télico. Mais do que isso, trouxemos à baila também o aspecto, e devemos dizer algo sobre como o entendemos.

Sobre a telicidade, nos mantemos na tradição, tratando como télicos os eventos que não possuem partes próprias, mas acrescentaremos algo mais sobre a telicidade, em relação à qual os autores mencionados não têm uma posição muito clara, trata-se da "reificação do *telos*", ou seja, télico é todo e qualquer evento sobre o qual é possível falar de seu *telos* ou ponto final ou ainda culminação. Reificação significa que podemos tomar o *telos* como sendo alvo de algum tipo de operação e/ou predicação⁶.

Com relação ao aspecto perfectivo e imperfectivo, propomos que sejam "ambientes de interpretação" que, assim como as condições de felicidade, impõem certas restrições para a interpretação. Um ambiente perfectivo, como na sentença abaixo, pede que a interpretemos como não mais em andamento em relação a um momento de referência:

(4) João leu o livro.

Com (4), podemos seguramente afirmar que João não está mais lendo o livro. Por sua vez, o ambiente imperfectivo diz, com relação a um momento de refe-

⁵ Bertinetto (1986, p. 273-285) apresenta essas possibilidades todas, mas o faz de maneira esquemática, sem fornecer generalizações ou qualquer forma de explicação das compatibilidades e interpretações possíveis. Por isso se faz necessário esse exercício para o PB: esse é um passo imprescindível para uma proposta de uma semântica para 'em' e 'por X tempo' que possa abranger nossas intuições e não dependente da CHH.

⁶ O mesmo pode ser dito do ponto inicial de um evento; ele também pode ser alvo de predicação, como 'começar', por exemplo. Adiante veremos que, para nós, os adjuntos em questão atuam sobre esses pontos.

rência, que o evento ainda é o caso, mas não especifica se o evento continua ou não para além desse momento de referência, i.e., não sabemos, a partir de (5), se "João ler o livro" num tempo t posterior ao da enunciação de (5) ainda é o caso, mas indica que o evento transborda o momento de referência:

- (5) João estava lendo o livro.

Munidos desse ferramental (ainda rudimentar), vejamos as possibilidades de combinação de que estamos falando nas tabelas abaixo.

2.1. UM PRIMEIRO OLHAR SOBRE OS USOS DE 'EM' E 'POR X TEMPO'

Nas tabelas abaixo, o símbolo “#” indicada simplesmente que a literatura não considera ou considera marginalmente tal combinação e não inaceitabilidade ou agramaticalidade, embora em alguns casos a aceitabilidade seja condicionada contextualmente; “t” indica telicidade; “d” indica duratividade; na última coluna à direita sugerimos as interpretações que serão discutidas logo abaixo:

TABELA 1

'em X tempo'				
imperfectivo		t	d	interpretação
(1i)	# João estava dando a volta no quarteirão em 10 minutos.	+	+	habitual / genérica
(2i)	# João estava ganhando a corrida em 35 minutos ⁷ .	+	-	habitual / genérica
(3i)	# João estava correndo em 1 hora.	-	+	habitual / genérica
(4i)	# João estava tendo dor de cabeça em 10 minutos.	-	+	habitual / genérica
perfectivo		t	d	interpretação
(1p)	João construiu a casa em 1 ano.	+	+	télica
(2p)	João ganhou a corrida em 35 minutos.	+	-	télica
(3p)	# João correu em 1 hora.	-	+	incoativa (télica)
(4p)	# João teve dor de cabeça em 10 minutos.	-	+	incoativa (télica)

⁷ Os *achievements* são conhecidos por terem *fases preparatórias* que levam, justamente, à culminação. Neste texto, como representante dos *achievements*, utilizaremos 'ganhar a corrida', mas não estaremos falando de sua fase preparatória, algo como 'liderar a corrida'. Ao tratarmos de *achievements*, em geral, não estaremos considerando interpretações que os aproximam dos *accomplishments*.

TABELA 2

'por X tempo'				
imperfectivo		t	d	interpretação
(5i)	# João estava dando a volta no quarteirão por 10 minutos.	+	+	ponto de focalização
(6i)	# João estava ganhando a corrida por 35 minutos.	+	-	ponto de focalização
(7i)	# João estava correndo por 1 hora.	-	+	ponto de focalização
(8i)	# João estava tendo dor de cabeça por 10 minutos.	-	+	ponto de focalização
perfectivo		t	d	interpretação
(5p)	# João construiu a casa por 1 ano.	+	+	detelicização
(6p)	# João ganhou a corrida por 35 minutos.	+	-	detelicização
(7p)	João correu por 1 hora.	-	+	duração do evento
(8p)	João teve dor de cabeça por 10 minutos.	-	+	duração do evento

O ambiente imperfectivo é massivamente ignorado pela literatura quando se trata dos adjuntos em questão. O ambiente perfectivo, por sua vez, para o caso dos adjuntos 'em' e 'por X tempo', se apresenta como um espelho, invertendo as aceitabilidades conforme a literatura.

Quando combinado com eventos imperfectivos, de qualquer classe acional, o adjunto 'em X tempo' gera uma interpretação de hábito ou genérica. Uma interpretação possível para (1i) é que João tem a capacidade de fazer algo em 10 minutos, no caso, dar a volta no quarteirão⁸; o mesmo pode ser dito de (2i)⁹, (3i) e (4i). Nesses casos, temos leituras não referenciais, já que não estamos falando de um evento particular.

As sentenças (1p) e (2p) comportam-se conforme prevê a literatura, i.e., são eventos télicos, perfectivos, que alcançam seu *telos* ao fim do tempo medido pelo adjunto 'em X tempo'. Por sua vez, as sentenças (3p) e (4p) são aceitáveis somente em uma leitura incoativa, i.e., que marca o início de um evento¹⁰. Considere a sentença (4p) na seguinte situação: João detesta

⁸ Suponha que sabemos que João, depois de um acidente, está realizando sessões de fisioterapia para voltar a caminhar normalmente; um dos exercícios era justamente dar a volta no quarteirão. Subitamente, ele teve uma recaída. Nesse contexto, a sentença (1i) soa perfeitamente bem. Quaisquer contextos que digam que João teve a capacidade de dar a volta no quarteirão em 10 minutos, mas não tem mais tornam a sentença (1i) aceitável.

⁹ Num contexto em que João, um piloto experiente de corridas, tinha a capacidade ou habilidade de percorrer um dado circuito em 35 minutos, mas não faz mais isso, a sentença (2i) também é aceitável.

¹⁰ A sentença (3p), na verdade, pode ser aceitável numa situação em que uma distância específica a ser percorrida por João seja fornecida pelo contexto. Tal situação ilustraria um caso semelhante a (1p); o que nos interessa aqui, contudo, é buscar o maior número de interpretações possíveis, por isso descartaremos esta última, visto que ela pode ser tratada nos mesmos moldes que (1p).

a reunião da sua empresa, sempre que tem uma reunião ele acaba ficando com dor de cabeça. Na última reunião não foi diferente, depois que a reunião começou, João teve dor de cabeça em 10 minutos. Dado que a interpretação incoativa também é uma interpretação télica, que toma o início de um evento com um *telos*, podemos dizer que, quando combinado com o aspecto perfectivo, o adjunto 'em X tempo' engendra sempre uma interpretação télica.

Como resumo do que vimos até agora sobre 'em X tempo', temos:

- a) 'em X tempo' aplica-se a um evento (de qualquer classe acional) perfectivo → interpretação télica do predicado (incluída aqui a incoativa);
- b) 'em X tempo' aplica-se a um evento (de qualquer classe acional) imperfectivo → interpretação de hábito / habilidade / genérica.

Com 'por X tempo', quando combinado com eventos descritos imperfectivamente, temos uma interpretação de ponto de referência. A ideia aqui é a seguinte: quando temos uma sentença como (5i) e a continuamos com qualquer outro evento, por exemplo:

(6) João estava dando a volta no quarteirão por 10 minutos, quando ouviu um estouro.

O outro evento acontece ou é interpretado como ocorrendo no ponto de referência e/ou focalização (no interior do desenvolvimento do evento), introduzido por 'por X tempo', ou seja, com (6), João não ouviu um estouro antes de correr 10 minutos e nem (muito) depois, mas sim ao completar, atingir 10 minutos correndo. É a partir do ponto final que marca os '10 minutos' que são então encadeados os eventos subsequentes. O mesmo parece ser o caso para as outras classesacionais. Considere a sequência 'João estava tendo dor de cabeça por 10 minutos e finalmente resolveu tomar um remédio'. Diferentemente do que temos para o caso de 'em X tempo', as interpretações aqui são todas referenciais, i.e., referem-se a um evento (a uma realização de um evento) particular que é apresentado em seu transcurso, e o adjunto mede o tempo em que o evento está transcorrendo até o ponto de focalização.

No ambiente perfectivo, para o caso de (7p) e (8p), o que 'por X tempo' faz é marcar a duração de um dado evento, que, por estar representado perfectivamente, já não é mais o caso. Assim, 'João correu por 10 minutos' indica que a corrida de João durou 10 minutos. Obviamente, o ponto maximal da duração da corrida de João também é um ponto de referência. Para uma sequência como 'João correu por 10 minutos e caiu', a queda do João aconteceu ao ele alcançar os 10 minutos de corrida (ou logo depois, mas nunca antes).

A combinação de 'por X tempo' com evento télico e perfectivo engendra a interpretação de detelicização, ou seja, o evento télico ocorreu, não

é mais o caso e o seu *telos* não foi atingido. Os elementos dessa interpretação são complexos e voltaremos a ela num próximo momento.

Como resumo do que vimos sobre 'por X tempo', temos:

- a) 'por X tempo' aplica-se a um evento (de qualquer classe acional) perfectivo → interpretação de duração (do tempo que durou o evento);
- b) 'por X tempo' aplica-se a um evento (de qualquer classe acional) imperfectivo → localização de um ponto de referência e/ou focalização (medição do tempo que o evento estava transcorrendo até o ponto de focalização).

2.2. AVALIANDO A PROPOSTA DE ROTHSTEIN

As linhas das tabelas não marcadas com “#” indicam a aplicação com sucesso das fórmulas oferecidas por Rothstein, falta então averiguar o resto. Retomando a fórmula oferecida para 'em 1 hora', ela denota o conjunto de eventos cujas partes constituem o evento atômico e que duram no máximo 1 hora. Com tal fórmula, talvez seja possível capturar, sem alterações, a interpretação para o ambiente imperfectivo, advogando, por exemplo, que a interpretação não referencial (habitual ou genérica) é gerada pelo imperfectivo; não é uma contribuição do adjunto. Vejamos por que isso é problemático.

Eventos télicos perfectivos têm, preferencialmente, interpretação referencial, e a mantêm quando combinados com 'em X tempo':

- (7) Ontem, João lavou o carro. → referencial¹¹
- (7') No ano passado, João lavou o carro. → referencial
- (8) Ontem, João lavou o carro em meia hora. → referencial
- (8') No ano passado, João lavou o carro em meia hora. → referencial

Por sua vez, os eventos télicos imperfectivos podem ou não ter uma interpretação referencial¹², a depender do contexto em que estão ancorados:

- (9) Ontem, João lavava o carro. → referencial
- (9') No ano passado, João lavava o carro. → não referencial¹³

Se 'em X tempo' não tivesse relação nenhuma com a propriedade referencial vs. não referencial do imperfectivo, deveríamos esperar que sua combinação

¹¹ Preferencialmente referencial, porque é possível a interpretação não referencial do perfectivo: 'No ano passado, João lavou o carro toda semana', 'No ano passado, no quartel, João hasteou a bandeira.'

¹² Não entraremos no mérito sobre qual das interpretações do imperfectivo é primitiva. Basta dizer que o imperfectivo tem as duas interpretações. Mostraremos que 'em X tempo' condiciona uma das leituras.

¹³ Trata-se de preferencialmente não referencial. Uma interpretação referencial é também possível: No ano passado, João lavava o carro, quando morreu.

com as sentenças (9) e (9') não alterasse sua interpretação com relação à referencialidade. Mas não é esse o caso:

(10) ? Ontem, João lavava o carro em meia hora.

(10') No ano passado, João lavava o carro em meia hora. → não referencial

A sentença (10) é estranha se não permitirmos repetição, se se tratar de um único evento de lavar o carro. Assim sendo, 'em X tempo' depende da referencialidade das sentenças imperfectivas, impondo-lhes uma interpretação habitual ou genérica. Como isso se dá? Tentaremos dar uma explicação na seção 3.3. Vale notar que Rothstein não considera os imperfectivos.

Eventos atéticos combinados com 'em X tempo' resultam numa interpretação incoativa. Tal interpretação refere-se a eventos que levam um certo tempo, 1 hora, por exemplo, para começar, e podem, portanto, ser tomados como télicos. Como a fórmula de Rothstein para o adjunto 'em X tempo' nos leva a tal interpretação (afinal é o adjunto que faz isso, pois 'João correu' não tem interpretação incoativa)? A única saída para a qual Rothstein pode apelar é algum outro processo, que não está na fórmula de 'em X tempo', e que causa algum tipo de coerção ou *type shifting*. Lembramos que manobras como essa dependem de justificações independentes, sob pena de serem consideradas *ad hoc*. Supondo que algum mecanismo de *type shifting* atue, o resultado ainda assim não é satisfatório porque o adjunto irá medir, na formulação dada, o tempo do evento. Mas essa não é a interpretação que desejamos. Veja, em particular, (4p), que indica o momento em que João começou a ter dor de cabeça. Essa interpretação não é apreensível pela fórmula de Rothstein. Além disso, simplesmente não é possível tornar ter dor de cabeça em um evento télico para o adjunto medir sua duração até a culminância. Logo, a proposta de Rothstein gera resultados incorretos. A saída seria postular que o *type shifting* não ocorre com estados, o que bloqueia a interpretação incorreta, sem, no entanto, gerar a esperada.

Com a fórmula oferecida por Rothstein para 'por X tempo' não é possível capturar as interpretações de ponto de referência/focalização. A interpretação de detelicização também é problemática para a caracterização dada pela autora. Ela só é possível se houver novamente um mecanismo de *type shifting*, dessa vez transformando eventos télicos em atéticos. Assim, uma possibilidade de análise para (5p), 'João construiu a casa por um ano', é: o predicado télico 'construiu uma casa' é transformando num predicado atético 'construiu parcialmente uma casa' e, então, podemos aplicar o adjunto, gerando a interpretação de que a soma máxima de eventos de construção parcial da casa durou um ano. Mas, nesse caso, esse procedimento não estaria disponível apenas para uma pequena classe de verbos, como afirma

Rothstein. Essa mesma explicação pode ser aplicada ao caso em (6p), 'João ganhou a corrida por 35 minutos'. Mas ela entra em franca contradição com a afirmação de que o adjunto transforma um evento atélico em télico, porque teríamos que um evento télico, para se combinar com o adjunto, muda para um evento atélico, para em seguida se transformar em um outro evento télico.

3. UMA NOVA PROPOSTA PARA OS ADJUNTOS

Uma teoria dos adjuntos 'em' e 'por X tempo' deveria dar conta de sua contribuição para todos os casos da seção 2¹⁴. Nesta seção, apresentamos uma caracterização não formalizada, mas o mais explícita possível da contribuição semântica de tais adjuntos; explicando como sua combinação com os outros elementos que compõem as sentenças, gera as interpretações relevantes.

Nosso quadro teórico trabalha com pontos iniciais e finais de eventos; em nossa proposta, são justamente sobre eles que os adjuntos em questão atuam. Todos os eventos têm um ponto inicial; quando veiculados no passado, esse ponto inicial é o ponto em que os adjuntos em questão se ancoram para dar início à medição do tempo denotado pela *measure phrase* que carregam, 'X tempo'. O início da medição é o início do evento:

- (11) João pintou o quadro em 20 minutos.
(12) João correu por 40 minutos.

João levou 20 minutos para pintar o quadro a partir do momento em que ele começou a pintá-lo. A corrida de João durou do início ao fim 40 minutos. Mesmo que muitas vezes não nos pronunciemos sobre os pontos iniciais dos eventos, eles estão, não obstante, presentes; o mesmo pode ser dito dos pontos finais sobre os quais os adjuntos em questão operam. Essas considerações são necessárias para tratarmos abaixo das interpretações incoativas.

3.1. Os ADJUNTOS E O PERFECTIVO

O adjunto 'em X tempo' caracteriza-se pela presença de uma presunção: a existência de um *telos* relacionado ao evento. O tempo deno-

¹⁴ Na tabela 1, foram mobilizadas 3 variáveis: aspecto (perfectivo vs. imperfectivo), acionalidade e adjunto. Mas uma outra variável imprescindível para o estudo de fenômenos tempo-aspectuais é a referência temporal. As sentenças da tabela 1 estão no passado, será que o mesmo padrão de interpretações se mantém se alterarmos a referência temporal? Mais adiante, falaremos um pouco mais sobre essa questão.

tado pela *measure phrase* de 'em X tempo' tem início no início de evento e se encerra necessariamente no alcance do *telos*. Caso não haja *telos*, algum tipo de acomodação de pressuposição entra em jogo, inserindo um *telos*. Para os casos mais simples, em que temos um evento télico e perfectivo, a satisfação dessa pressuposição ocorre naturalmente: tomemos um evento que apresenta *telos*, veiculado numa perspectiva perfectiva, que diz que o evento não é mais o caso, sendo assim, o que 'em X tempo' faz é dizer quanto tempo demorou para que o *telos* do evento fosse alcançado porque esse é o ponto final do intervalo denotado pelo adjunto.

Podemos descrever a interpretação incoativa como o tempo que um dado evento leva para começar. Se tomarmos eventos atéticos, eles não têm, por definição, um *telos* que possa satisfazer a pressuposição de 'em X tempo', eles têm apenas um ponto inicial. Como não há um ponto télico e dado que o adjunto exige a sua existência, há duas possibilidades: 1) o *telos* está dado contextualmente, então o evento de fato não é atético, mas télico; 2) não há um *telos* dado contextualmente. Nesse último caso, o único ponto disponível é o início do evento atético. Logo, esse será o *telos*. O objetivo é, então, começar o evento. Assim, na interpretação incoativa é justamente esse ponto inicial que é o *telos*, por isso interpretamos que levou um certo tempo para o evento em questão começar. Em 'João correu em 10 minutos', o adjunto 'em 10 minutos' mede o tempo que transcorre para o início do evento, pois seu início é o único ponto ao qual o adjunto pode se aplicar, resultando então na leitura incoativa. O objetivo, o *telos*, é o início do evento e o ponto inicial da medição é então alocado em algum momento anterior, medida para trás: demorou 10 minutos para ele alcançar o objetivo de iniciar o evento. Quando a especificação do momento inicial é dada, a leitura incoativa é a mais saliente (ver também seção 3.3., sobre o futuro):

(13) João chegou na academia e correu em 20 minutos.

Para (13), o ponto inicial para a medição é o evento de João chegar na academia.

'Por X tempo' introduz um ponto de referência e/ou focalização associado ao evento ao qual o adjunto se aplica. Enquanto 'em X tempo' pressupõe um *telos*, um ponto não arbitrário que marca o fim do intervalo medido (a culminação de um evento ou seu início, tomado como *telos* para os incoativos), inserindo então um ponto que marca o início do intervalo a ser medido; o adjunto 'por X tempo' introduz um ponto arbitrário e mede o intervalo desde um outro ponto, tomado como o início do intervalo e que coincide com o início do evento. Note-se, contudo, e isso é extremamente importante, que não se trata de um *telos*, porque na interpretação que es-

tamos considerando não ocorre uma telecização do predicado como advoga Rothstein¹⁵. 'Por X tempo' introduz um (i) ponto arbitrário variável, dado pela medida de tempo, e (ii) não indica a culminação de um evento; eventos atéticos simplesmente não culminam, eles param ou deixam de ser o caso, ou simplesmente continuam. Assim, não se trata de um *telos* que, por definição, é não arbitrário.

Se tomarmos um evento atético e perfectivo, o que temos, como já adiantado acima, é a introdução de um ponto de referência que indica um limite temporal a partir de um outro ponto que é pressuposto (o início do evento), isso resulta na medição da duração de um evento, de uma corrida em (14), desde o seu início até o ponto inserido por 'por X tempo', e, o mais importante, é a partir desse ponto inserido que computamos o que ocorre na sequência¹⁶:

- (14) João correu por 10 minutos e resolveu parar/e então percebeu que não trouxera água.

A combinação com eventos télicos e perfectivos gera a interpretação de detelicização, ou seja, para uma sentença como:

- (15) João construiu a casa por 1 ano,

a interpretação preferencial é que João não construiu a casa toda, a casa não está completamente construída; estamos diante de um evento interrompido.

Os passos para essa interpretação são complexos e remetemos o leitor interessado a Basso (2007). Não obstante, vamos a uma breve caracterização do acontece aqui: um evento télico representado no aspecto perfectivo não garante o alcance do *telos*, apenas diz que o evento não está mais em curso. O alcance do *telos* é uma implicatura. A um evento que tem um ponto final natural e não é mais o caso, aplica-se o adjunto 'por X tempo', que insere um ponto final. O que temos é um excesso de pontos finais: o *telos*, o ponto final temporal e o ponto de referência introduzido pelo adjunto. Excesso de informação também dispara implicaturas. Muito

¹⁵ Ao dizer que 'por X tempo' teliciza eventos atéticos, Rothstein (de SWART, 1998; KRIFKA, 1998; etc.), tem em mente sentenças como 'João nadou por 3 horas', que denota um evento nadar por 3 horas. Ora, 'nadar por 3 horas' é um evento atômico, heterogêneo. Em 'nadar por 3 horas', 'por 3 horas' não pode mais ser considerado um adjunto do evento 'nadar'; trata-se de um outro evento. Nesse caso há de fato a telicização de eventos atéticos. No entanto, estamos analisando a interpretação em que 'por X tempo' é um adjunto. É importante não confundir as duas situações. Como dissemos, na proposta de Rothstein é curioso que 'por X tempo' ao mesmo tempo deteliciza, se combinado com eventos télicos, e teliciza eventos atéticos.

¹⁶ Ele é, neste sentido, similar ao ponto R de Kamp e Rohrer (1983).

esquematicamente, temos: ao proferir (15), um falante cooperativo implica que o ponto final temporal não coincide com o *telos*, justamente porque há o ponto inserido por 'por 1 ano'. Assim, desconsidera-se o *telos* e o evento é interpretado como não sendo mais o caso, mas sem atingir o *telos*; estamos diante da interpretação de detelicização.

3.2. IMPERFECTIVOS E OS ADJUNTOS 'EM X TEMPO' E 'POR X TEMPO'

O ambiente imperfectivo impõe como condição que o evento não esteja concluso (para um dado momento de referência), assim sendo, não temos acesso ao *telos* de eventos télicos. Apenas com mais informações, sabemos se um imperfectivo indica ou não repetições: 'João lavava o carro' pode tanto ser interpretada referencialmente (João lavava o carro ontem, às 15hs) quanto não referencialmente (João lavava o carro no ano passado). Uma sentença télica e imperfectiva, contudo, ao ser combinada com 'em X tempo' parece poder receber apenas a interpretação não referencial. Levando em consideração a ideia de que 'em X tempo' pressupõe um *telos*, há algumas maneiras de entendermos o que acontece aqui. Uma delas é: um evento télico, perfectivo ou imperfectivo, tem um *telos*; num ambiente imperfectivo, o acesso ao *telos* é vetado; não obstante, 'em X tempo' pressupõe a presença do *telos* já que o ponto de culminação é o objeto da predicação. Assim, 'em X tempo' aplica-se ao *telos* e informa a duração até o seu alcance. A leitura progressiva do imperfeito está bloqueada, já que ela é inconsistente com o uso do adjunto. Se 'em X tempo' predica do *telos*, mas na leitura progressiva o *telos* não está acessível, então o que resta é uma interpretação não referencial: descrevemos a repetição de eventos télicos. Essa caracterização ainda é superficial, mas ela explica a interpretação das sentenças (1i)-(4i) da tabela 1.

A escolha entre uma leitura referencial e não referencial é resolvida também no uso de 'por X tempo', que engendra sempre uma leitura referencial: ora, como falar de ponto de focalização sem se tratar de uma leitura referencial de um evento? Esse adjunto, recordemos, insere um ponto de focalização vinculado ao evento a que se aplica. Se de fato 'por X tempo' insere esse ponto, espera-se que qualquer estranhamento causado pelas sentenças (5i) a (8i)¹⁷ resulte do fato de que elas apresentam um ponto de focalização sobre o qual nada se fala, ele é ocioso. Assim, espera-se que ao

¹⁷ Essas sentenças são: (5i) # João estava dando a volta no quarteirão por 10 minutos, (6i) # João estava ganhando a corrida por 35 minutos, (7i) # João estava correndo por 1 hora e (8i) # João estava tendo dor de cabeça por 10 minutos.

falarmos sobre esse ponto as sentenças “melhorem”; parece ser justamente isso que acontece¹⁸:

- (5i') João (já) estava dando a volta no quarteirão por 10 minutos, quando percebeu que esquecera a chave.
(6i') João (já) estava ganhando a corrida por 35 minutos, mas o carro quebrou.
(7i') João (já) estava correndo por 1 hora, quando começou a sentir dores na coxa.
(8i') João (já) estava tendo dor de cabeça por 10 minutos, e então decidiu tomar um remédio.

3.3. FUTURO E INCREMENTAIS

Nossa caracterização de ‘em X tempo’ captura naturalmente a interpretação dos tempos futuros. Tomemos uma sentença como:

- (16) João vai construir a casa em 1 ano.

Essa sentença tem pelo menos duas interpretações: (i) dentro de um ano a casa vai estar pronta, ou (ii) o início da construção da casa é em um ano. Se ‘em X tempo’ toma para preencher sua pressuposição o início do evento, temos a interpretação incoativa (ii), se ele toma o *telos* do evento temos uma interpretação télica (i). Por que apenas no futuro essas duas interpretações são possíveis? Ora, o evento representado no passado já tem instaurado o seu ponto inicial, e, portanto, ele é naturalmente tomado como ponto de partida para o cômputo de ‘X tempo’. No futuro, o ponto inicial pode não ter sido instaurado, pode-se tomar outro ponto para sua instauração, o momento de fala (ponto *a quo* para o cálculo da referência temporal). A questão que acabamos de pôr relaciona-se diretamente com a questão “por que quando se trata de verbos atéticos no passado a interpretação incoativa é mais ‘trabalhosa’, não é tão saliente?”. Justamente porque temos que interpretar, para dar conta do adjunto, como sendo futuro um verbo no pretérito perfeito, que indicaria canonicamente que o evento já começou. Assim, para a interpretação incoativa sugerida, com uma sentença como:

- (17) João correu em 20 minutos.

¹⁸ A presença de ‘já’ e elementos como ‘então’ parece ser mais uma evidência de que, ao interpretarmos sentenças como as que apresentamos aqui, estamos diante de um “jogo” de pontos de referência e focalização, mobilizados para pormenorizar as referências temporais dos eventos em questão e suas relações entre si.

Temos que, de algum modo, encontrar um ponto de ancoragem para o início da mediação de '20 minutos' que não pode ser o momento de fala, justamente porque o evento é anterior a ele. Quando esse ponto é dado contextualmente, a sentença é plenamente aceitável:

- (18) Depois que chegou na academia, João nadou em 20 minutos.
(entre a chegada do João na academia e ele começar a nadar, transcorreram-se 20 minutos).

A interação de 'por X tempo' com o futuro também resulta em interpretações previsíveis pela semântica que sugerimos a ele. Tomemos as sentenças:

- (19) João vai correr por 20 minutos.
(20) João vai construir a casa por 1 ano.

Tanto em (19) quanto em (20) temos a leitura de tempo de duração e de ponto de focalização. Podemos continuar (19) como:

- (19') João vai correr por 20 minutos e descansar.

Ou seja, é depois de 20 minutos de corrida que João vai descansar. Para (20), temos uma leitura que não garante o alcance do *telos*, dada pelo futuro, mas que, por implicatura, diz que ele não foi atingido.

O que dissemos aqui sobre o futuro é confessadamente superficial, mas é interessante notar que quase nunca, quando se trata dos adjuntos em questão, o tempo futuro é lembrado. Se nossa análise consegue dar conta também das interpretações para o futuro, isso é um grande ganho. Vejamos a combinação desses adjuntos com os chamados incrementais. Os eventos incrementais são majoritariamente derivados de adjetivos escalares e indicam um "avanço" numa dada escala. Um exemplo prototípico de incremental é a sentença:

- (21) João engordou.

A sentença informa que João está mais gordo, sem indicar que João é gordo. Aparentemente, o que caracteriza os incrementais é que eles veiculam uma escala e a cada ponto da escala corresponde um grau que pode ser considerado um *telos*. Incrementais são graduais.

Tais eventos podem se combinar tanto com 'em' quanto com 'por X tempo':

- (22) João engordou em / por 1 ano.
(23) A roupa secou em / por 10 minutos.
(24) A sopa esfriou em / por 10 minutos.

Na combinação com 'em X tempo', as interpretações são as mesmas que temos para *accomplishments*: medimos o tempo transcorrido até o alcance de um *telos* (João estar mais gordo, a roupa estar mais seca, e a sopa estar mais fria). Na combinação com 'por X tempo', temos o mesmo que temos para as atividades: o tempo transcorrido até um ponto de referência (que não é um *telos*) instaurado por 'por X tempo'.

Como podemos capturar esse comportamento com o ferramental apresentado até aqui? Os incrementais fornecem um *telos* para que 'em X tempo' seja aplicável, e, ao mesmo tempo, ao se combinarem com 'por X tempo' não implicam em detelicização, como seria de se esperar de eventos télicos comuns, mas se comportam como atividades.

Eventos télicos são compostos por um ponto final (*telos*) e um inicial, e eventos atélicos são compostos apenas por um ponto inicial. Ora, poderíamos então pensar que, justamente porque os incrementais são escalares, eles denotam entidades teóricas compostas por um ponto inicial e um ponto final, que seriam o início e o fim da escala que representam, e, mais do que isso, entre esses pontos o que temos é "espaço denso", ou seja, entre quaisquer dois pontos da escala podemos encontrar outro ponto. Tomemos a sentença em (21), 'João engordou'. Ela afirma que João "andou" um pouco na escala de "gordo", ele está mais gordo do que estava antes. Ele pode ter "andado" pouco ou muito na escala; o que interessa é que ele sempre pode "andar" um pouquinho, um mínimo que for e estará adiante. É nesse sentido que a escala é densa: entre dois pontos há sempre um ponto intermediário.

Como isso pode ajudar a esclarecer os exemplos (22)-(24) acima? Para que 'em X tempo' seja aplicável é necessária a presença de um *telos* (um ponto além na escala que pode ser tomado como *telos*). Ora, os incrementais sempre poderão fornecer um ponto como esse a quaisquer 'em X tempo'. Com relação a 'por X tempo', se os incrementais respondem por escalas densas, o que 'por X tempo' faz é simplesmente indicar que há um ponto nessa escala que interessa (por algum motivo) olhar, e como é mais um ponto entre inúmeros da escala, temos a interpretação de atividade e não de detelicização. Assim, quando combinados com incrementais, os adjuntos 'em' e 'por X tempo' apresentam as seguintes características¹⁹:

(a) incrementais + 'em X tempo' = interpretação télica (um ponto na escala é o *telos*);

¹⁹ Os incrementais são compostos por escalas abertas e fechadas e seu comportamento pode ser mais complexo do que essa primeira apreciação.

(b) incrementais + 'por X tempo' = interpretação de atividade (o evento está prosseguindo e 'por X tempo' introduz um ponto nessa progressão sobre o qual há algo a se considerar).

4. CONCLUSÃO

Buscamos apresentar, ainda sem uma formalização explícita, uma semântica para os adjuntos 'em' e 'por X tempo'. Diferentemente do que encontramos na literatura, que, de uma maneira ou de outra, são instanciações da hipótese CHH, na análise proposta esses adjuntos não são selecionadores de eventos de um certo tipo. Eles atuamativamente no evento, modificando-o de forma a torná-lo compatível com o adjunto, manipulando pontos iniciais e finais. A combinação exige que levemos em consideração pontos temporais advindos de três fontes: o próprio evento (sua acionalidade), o aspecto (perfectivo e imperfectivo) e os pontos dados e pressupostos pelos adjuntos. Assim, aplicar 'por X tempo' a um evento télico perfectivo exige sua detecilização porque o adjunto coloca limites temporais que não permitem que o ponto final do intervalo (o ponto de focalização) seja coincidente com o *telos*. Afinal o ponto introduzido pelo adjunto é arbitrário, enquanto que o *telos* não. O adjunto introduz, então, um ponto arbitrário a partir do início do evento; o que leva a conclusão de que o evento não terminou. 'Em X tempo' atua sobre os pontos de tempo dados pelo evento na sua combinação com o aspecto. Esse adjunto pressupõe que o final do intervalo que ele denota deve ser o *telos*; sua combinação com um evento atélico perfectivo impõe que o ponto inicial do evento seja o *telos*, simplesmente porque esse é o único ponto disponível e a semântica do adjunto exige que ele seja o *telos*. Dessa forma, temos a leitura incoativa.

O imperfectivo coloca questões que vão além deste artigo. Combinar 'em X tempo' com um evento de qualquer classe acional no imperfectivo, gera necessariamente uma interpretação genérica. Buscamos mostrar por que temos esse resultado: como o adjunto pressupõe que seu ponto final coincide com o *telos* e como o imperfectivo no progressivo (leitura referencial) veicula que o *telos* não foi alcançado, a única saída é tomar a sentença como uma generalização; o adjunto atua sobre as instanciações. A semântica proposta para o adjunto 'por X tempo' explica sua ocorrência com o imperfectivo: o adjunto coloca um ponto de referência/focalização no transcorrer do evento.

Parece-nos que a proposta aqui apresentada é mais interessante que as derivações da CHH, porque ela permite explicar os vários contextos em que esses adjuntos aparecem, muitos deles simplesmente negligenciados

pela literatura, sem ter que apelar para *type shifting*. Além disso, ao menos a proposta de Rothstein gera, para alguns dos exemplos, predições incorretas. Por fim, mostramos, ainda que rapidamente, que a proposta apresentada pode ser estendida para o futuro e para eventos incrementais.

RESUMO

Neste artigo, apresentamos uma proposta para a semântica dos adjuntos temporais 'em X tempo' e 'por X tempo' que não os considera como seletores de eventos. Analisamos o trabalho de Rothstein (2004) como um exemplo de abordagem que chamamos de concepção homo-heterogênea e que considera os adjuntos em questão como contrapartes dessas noções. Mostramos que a proposta de Rothstein não dá conta de todas as sentenças relevantes e leva a resultados incorretos. Nossa análise considera que 'em X tempo' pressupõe que o evento ao qual ele se aplica tem um telos e que 'por X tempo' insere um ponto de focalização. Desenvolvemos nossa proposta para mostrar que ela dá conta das sentenças relevantes, sem gerar resultados indesejados, e que pode ser naturalmente estendida para explicar tempos futuros e de eventos incrementais.

Palavras-chave: *telicidade; aspecto verbal; adjuntos temporais*.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the temporal adjuncts 'por X tempo' (for X time) and 'in X tempo' (in X time) that does not take them to select types of predicate. Rothstein's approach (2004) exemplifies this last perspective, which considers the adjuncts to be strictly correlated to the notions of homo and heterogeneous predicates. We show that her approach cannot account for all the possible uses of these adjuncts and that it gives rise to wrong predictions. According to our analysis, 'em X tempo' (in X time) presupposes that the event to which it applies has a telos, whereas 'por X tempo' (for X time) introduces a point of reference/focalization related to the event to which it applies. Our proposal explains all the uses of these adjuncts, and it may naturally be extended to future tenses and incremental predicates.

Keywords: *telicity; verbal aspect; temporal adjuncts*.

REFERÊNCIAS

- BACH, E. The algebra of events. *Linguistics and Philosophy*, n. 9, p. 5-16, 1986.
- BASSO, R. M. *Telicidade e Detelicização: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - UNICAMP, Campinas, 2007.
- BERTINETTO, P. M. *Tempo, Aspetto e Azione nel verbo italiano*. Il sistema dell'indicativo. Florença: Accademia della Crusca, 1986.
- DOWTY, David. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1979.
- KAMP, Hans; ROHRER, Christian. Tense in Texts. In: BÄUERLE, Rainer; SCHWARZE, Christoph; von STECHOW, Arnim. *Meaning, Use, and Interpretation of Language*. Berlin: Walter de Gruyter, 1983. p. 250-269.
- KRIFKA, Manfred. The origins of telicity. In: ROTHSTEIN, Susan. *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1998. p. 197-235.
- ROTHSTEIN, Susan. *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1998.
- _____. *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Malden: Blackwell Publishing, 2004.
- de SWART, Henriëtte. Aspect shift and coercion, *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 16, p. 347-385, 1998.
- VENDLER, Zeno. *Linguistics in Philosophy*. New York: Cornell University Press, 1967.
- VERKUYL, Henk J. *A theory of aspectuality*. The interaction between temporal and atemporal structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- ZUCCHI, Sandro. Aspect Shift. In: ROTHSTEIN, Susan. *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1998. p. 349-370.

Submetido em 19/04/2010

Aceito em 12/08/2010